**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA EM REGIME ESPECIAL – PARFOR**

**EUGÊNIA MARIA TEIXEIRA RODRIGUES**

# A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE SOB O OLHAR DO PROFESSOR

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2016**

EUGÊNIA MARIA TEIXEIRA RODRIGUES

# A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE SOB O OLHAR DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Pedagogia em Regime Especial – PARFOR do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Elisangela André da Silva Costa.

FORTALEZA – CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Rodrigues, Eugenia Maria Teixeira.
A construção da profissionalidade docente sob o olhar do professor [recurso eletrônico] / Eugenia Maria Teixeira Rodrigues. - 2016.
1 CD-ROM: 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 55 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Graduação em Pedagogia, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Elisângela André da Silva Costa.

1. Profissionalidade. 2. Formação docente. 3. Autobigrafia. I. Título.

**EUGÊNIA MARIA TEIXEIRA RODRIGUES**

# A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE SOB O OLHAR DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

**Data de apresentação:** 13/07/2016

**BANCA EXAMINADORA**

Elisangela André da Silva Costa

Profa. Dra.Elisangela André da Silva Costa
Orientadora
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Ms. Manuela Fonseca Grangeiro
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Prof. Esp.Cícero Vagner Lucena de Sousa
Universidade Estadual do Ceará - UECE

*Dedico este trabalho, primeiramente ao autor da vida, Deus nosso Pai – celestial, que nos dá sabedoria e forças para vencer todas as dificuldades existentes em nosso viver. Em especial a minha mãe, que hoje faz morada no céu e eternamente em meu coração, deixando seus ensinamentos, de modo que me tornei um ser digno dessa sociedade e em sua trajetória de vida me incentivou a ser uma profissional que acredita na educação de qualidade e transformadora para uma sociedade mais justa.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre ao meu lado. Nos momentos difíceis e nos momentos bons, fortalecendo minha alma, ensinando a direção certa.

A minha eterna mãe, Aldenice Sesário Teixeira, que mesmo morando com Deus, permanece presente na vida e na minha memória.

Aos meus lindos filhos, Nora e Neta, cobrindo-me de carinho, amor e compreensão em toda etapa de minha vida.

A todos os educadores que acreditam na educação como um processo de transformação.

A todos os meus professores da UECE, por dedicarem parte de seu tempo no ensinamento de seus alunos.

A profa. Dra. Elisangela André da Silva Costa pela orientação e paciência na elaboração deste trabalho.

A gestão municipal de Aquiraz, pelo apoio a esta oportunidade de formação profissional.

*Verdades da Profissão de Professor Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho. A data é um convite para que todos, pais, alunos, sociedade, repensemos nossos papéis e nossas atitudes, pois com elas demonstramos o compromisso com a educação que queremos. Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem "águias" e não apenas "galinhas". Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.*

*(Paulo Freire).*

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso se constitui como uma exigência para a conclusão do curso de Pedagogia no Programa Nacional de Formação de Professores de Educação Básica – PARFOR, vinculado à Universidade Estadual do Ceará. A metodologia autobiográfica, utilizada nesta construção, permitiu juntar vivências formativas com o objetivo de discutir os elementos afetivos, sociais, culturais e econômicos que interferem na construção da identidade pessoal e profissional do docente. Alguns autores se constituíram como base para a construção das reflexões apresentadas ao longo do trabalho, como Vygotsky (1989) lançando luzes sobre o sociointeracionismo como teoria da aprendizagem que fala da importância de interação com o outro e da cultura como elementos de formação humana; Freire (1996, 1989), abordando a leitura de mundo como um dos saberes necessários à prática docente; Libâneo (1990 e 2008), trazendo discussões sobre didática e escola, colaborando na compreensão da docência e da gestão. Os resultados apontam que a sociedade cada dia vem se transformando aceleradamente, demandando dos professores transformação nas suas formas de pensar e exercer a profissão. Desse modo, as instituições de ensino e a formação de professores não podem se distanciar do meio social, precisando engajar-se nesse processo de transformação. O êxito da educação se dá através da aproximação com a comunidade, para que juntos possam alcançar os objetivos considerados necessários à inclusão socioeducacional dos estudantes.



**Palavras-chave:** Profissionalidade. Formação docente. Autobiografia.

## ABSTRACT

This course conclusion work is constituted as a requirement for completion of the Faculty of Education at the National Education Teacher Training Program Basic - PARFOR, linked to the State University of Ceará. Autobiographical methodology used in this construction allowed join formative experiences in order to discuss the emotional, social, cultural and economic elements that interfere in the construction of personal and professional identity of teachers. Some authors have constituted the basis for the construction of the ideas presented throughout the work, as Vygotsky (1989) casting light on the sociointeracionismo as learning theory that speaks of the importance of interaction with others and culture as elements of human development; Freire (1996, 1989), addressing the reading world as one of the knowledge necessary for teaching practice; Libâneo (1990 and 2008), bringing discussions about teaching and school, working in the understanding of teaching and management. The results show that every day society is becoming rapidly, demanding transformation of teachers in their ways of thinking and practicing the profession. Thus, educational institutions and teacher training can not distance himself from the social environment, need to engage in this process of transformation. The success of education is through bringing the community so that together we can achieve the goals considered necessary for social and educational inclusion of students.



**Keywords:** Professionalism. Teacher training. Autobiography.

# SUMÁRIO


**1 INTRODUÇÃO ..... 10**

**2 MEMÓRIAS DE MINHAS ORIGENS E FORMAÇÃO ..... 12**

2.1 MINHAS ORIGENS ..... 12

2.2 RECORDANDO A INFÂNCIA E AS BRINCADEIRAS ..... 16

2.3 A ESCOLA E O CONTATO COM A LEITURA ..... 19

**3 PARFOR ..... 24**

3.1 MINHA CHEGADA AO PARFOR ..... 24

3.2 PARFOR COMO UMA POLÍTICA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ..... 27

3.3 VIVENDO O PARFOR ..... 30

**4 APRENDENDO COM A PRÁTICA DOCENTE ..... 35**

4.1 A CULTURA E O BRINCAR E A EDUCAÇÃO INFANTIL ..... 35

4.2 A LEITURA DO MUNDO E DA PALAVRA DO ENSINO FUNDAMENTAL ..... 42

4.3 O PENSAR E O SENTIR NO DIÁLOGO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE ..... 48

**5 CONSIDERAÇÔES FINAIS ..... 52**

**REFERÊNCIAS ..... 54**

## 1 INTRODUÇÃO

> *Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.*
> *(BRANDÃO).*

Este trabalho de conclusão de curso, mais do que o cumprimento posto como uma exigência da academia, representa o registro de uma caminhada de vida, marcada por altos e baixos que se constituíram como cenário para a construção da pessoa que hoje sou.

Falar de nossas experiências nem sempre é um exercício fácil. Às vezes nos fogem detalhes, nomes de pessoas e lugares que foram importantes para nós, porque a memória não é suficiente pra guardar tantos dados. Às vezes, fazemos questão de apagar de nossas mentes fatos e pessoas que marcaram negativamente nossas vidas.

O exercício da escrita deste TCC me mostrou que tudo o que foi positivo e tudo o que foi negativo me permitiram construir conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que se apresentam cada vez que os episódios que aconteceram em nossas vidas parecem se repetir.

Como professora, hoje, percebo que todas as experiências vividas e que me constituíram como pessoa, dialogam no exercício da profissão e fazem com que cada um de nós tenha uma atuação singular diante do nosso trabalho. Os valores, quer tenham sido construídos na família ou na escola, nos ajudam a compreender o nosso papel como educadoras.

A metodologia autobiográfica, utilizada para este trabalho, me permitiu juntar na minha memória de vida vivências formativas com o objetivo de discutir os elementos afetivos, sociais, culturais e econômicos que interferem na construção da identidade pessoal e profissional do docente (NÓVOA, 1991).

Alguns autores se constituíram como base para a construção das reflexões apresentadas ao longo do trabalho, como Vygotsky (1989) lançando luzes

sobre o sociointeracionismo como teoria da aprendizagem que fala da importância de interação com o outro e da cultura como elementos de formação humana; Freire (1996, 1989), abordando a leitura de mundo como um dos saberes necessários à prática docente; Libâneo (1990 e 2008), trazendo discussões sobre didática e escola, colaborando na compreensão da docência e da gestão.

O presente texto se organiza em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

O capítulo intitulado memórias de minhas origens e formação traz reflexões sobre a importância da família e da escola no processo de formação pessoal e profissional dos docentes.

O capítulo que recebe o título de PARFOR, situa as contribuições deixadas por essa experiência formativa para minha vida pessoal e profissional e ainda os desafios enfrentados e superados no decorrer destes cinco anos (2011-2016).

O capítulo denominado e aprendendo com a prática docente se organiza a partir da estrutura de estágio proposta pelo PARFOR em três momentos e contextos distintos: a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e a Gestão Escolar.

A relevância deste trabalho de conclusão de curso se encontra na possibilidade de releitura crítica das minhas trajetórias de formação, que permitiram visualizar minhas experiências no contexto político e social mais abrangente, e compreender de maneira mais afetiva o meu papel como educadora.

# 2 MEMÓRIAS DE MINHAS ORIGENS E FORMAÇÃO

> [...] lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, construir com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A construção do passado é relativa, é condicionada pelo presente.
>
> (Manuela David)

Este capítulo retrata a minha história de vida. Borbulhei, brinquei, chorei, ri e até imaginei o mundo da fantasia, baseada nas histórias contadas pelos meus pais, que foram os primeiros a me ensinar a viver momentos que aprendi a desenvolver minha personalidade, sem deixar de citar que a escola foi primordial no complemento da minha educação. Foram eles, meus mestres, que mostraram a visão do mundo. Certo ou errado, não sei, só sei que aprendi.

O objetivo deste capítulo refletir sobre a importância da família e da escola no processo de formação pessoal e profissional dos docentes. Para tanto, o texto está organizado em três partes: Minha história contada, recordando minha Infância e A escola e o contando com leitura.

## 2.1 MINHAS ORIGENS

Eu, Eugênia Maria Teixeira Rodrigues, nascida no dia 24 de setembro de 1970, sou filha de Aldenice Sesário Teixeira, que era professora formada em magistério, quando iniciou sua carreira de professora. Posteriormente, ela fez graduação em Pedagogia.

Mulher determinada, carismática de muita fé, minha mãe trabalhou toda sua vida no município de Aquiraz. Era considerada uma excelente professora e dedicou sua vida ao ensino e ao lar. Lecionou tanto na educação infantil, como no ensino fundamental.

Meu pai, José Ribeiro Teixeira, cursou até o 5° ano (atualmente ensino fundamental) era homem rígido, disciplinador, brincalhão e trabalhador. Essas características de meus pais foram transferidas aos filhos de forma de ensino, onde cada filho em sua aprendizagem e formaram sua personalidade.

Ao rememorar minha história de vida e formação concordo com Moita (1992, p. 115), quando afirma que:

> Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagem, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de vida é assim um percurso de formação, no sentido em que é um processo de formação.

Nasci em um lar humilde. Meus pais tiveram cinco filhos dos quais sou a 3°. Em minha casa, a disciplina reinava no dia-a-dia. Minhas irmãs cuidavam de mim enquanto meus pais saiam para trabalhar. Sentia seus carinhos, todas elas brincavam comigo. Como sempre fui sapeca, elas conversavam, mostrando o lado certo a seu modo. Tornei-me uma criança muito esperta e curiosa, quando tinha alguma dúvida perguntava às minhas irmãs ou a minha mãe.

A rotina do meu lar funcionava da seguinte maneira: pela manhã, todos acordavam às 6:30. Reunidos na mesa, todos tomavam café juntos. Minha mãe colocava o café e dava o pedaço de pão para cada filho. Lembro que ela dizia: “agradeça a Deus pelo o pão de cada dia”. Eu imaginava que este Deus, os dias trazia o pão. Com o passar do tempo, entendi que Ele é o pai do Céu, mamãe e papai trabalhavam e compravam com o dinheiro que ganhavam.

Os irmãos mais velhos iam para a escola e eu ficava com as duas irmãs que estudavam à tarde. Elas arrumavam a casa, lavavam as louças e eu ajudava pouco. Mamãe já deixava o almoço pronto, acordava muito cedo. Essas minhas observações fizeram de mim uma dona de casa organizada, perfeccionista, que às vezes atrapalha uma pouco na cobrança do outro em fazer tal igual a mim.

Eu e minhas irmãs, depois que fazíamos as tarefas de casa, brincávamos um pouco de bonecas, casinha e representações dos personagens da história contada pala a minha mãe. Como eu era a menor, servia de filha, elas me colocavam nos braços, beijavam-me e falavam para eu ser bem comportada, hum logo eu? Sapeca... Estes episódios fizeram de mim uma pessoa carinhosa, prestativa, embora muitas vezes aborrecessem com certas injustiças, mas meu coração não permitiu e nem permite maltratar ninguém.

A tarde, como minhas duas irmãs iam a escola, eu ficava com meu irmão e minhas primas. Nós brincávamos no quintal, correndo de um lado para outro. Eles diziam que estávamos viajando, com os olhos fechados, conduzia-me a imaginar as paisagens, olha as árvores, olha que coisa linda a cidade grande, muitos carros, eram tantas coisas que minha mente imaginava o mundo de fantasia. Tenho uma mente fértil, penso rápido e com certeza as soluções de problemas tento resolver da melhor maneira, creio que essas atitudes de meus irmãos e minhas primas aceleraram minha mente.

Ao abordar os referenciais curriculares que norteiam a organização das propostas pedagógicas das Instituições de Educação Infantil no Brasil hoje, Queiroz et al (2006, pp. 170-171), afirmam que:

> [...] a brincadeira está colocada como um dos princípios fundamentais, defendida como um direito, uma forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação entre as crianças. Assim, a brincadeira é cada vez mais entendida como atividade que, além de promover o desenvolvimento global das crianças, incentiva a interação entre os pares, a resolução construtiva de conflitos, a formação de um cidadão crítico e reflexivo.

Ao anoitecer, meus pais costumavam sentar juntos com os filhos e contavam as histórias de sua vida, querendo dizer que o mundo é bom de viver, mas tudo dependia da pessoa, do comportamento, do aprender na escola, a obediência a Deus, que ele está lá no Céu, cuidando de nós na Terra. Meus pais perguntavam sobre os nossos comportamentos, ficávamos calados, também quando brigávamos recebíamos broncas e a palmadas.

Entendo que com essa disciplina nos tornarmos mais unidos, de modo que até hoje ajudamos uns aos outros. Na hora da janta, meus pais reuniam todos e antes de comer agradecíamos a Deus. Tinha dias que meus pais explicavam por que não comprava tudo que a gente queria, porque o dinheiro não era suficiente.

De acordo com Moraes (2003, p. 278) os seres amorosos tendem a direcionar as vidas das pessoas, tonando as pessoas mais livres, propiciando a compreensão do sentido mais humano da vida.

> Como seres humanos amorosos, direcionamos as nossas vidas em busca da essência do amor, aquele amor que liberta e compreende,

> aquela fonte inesgotável de energia inspiradora de nossos desejos, esperanças e aspirações. Buscamos o amor como expressão máxima da vida, como aceitação do outro, como atenção genuína com o outro, como expressão de harmonia, cuidado e zelo.

Todos os domingos íamos para igreja católica, sem esquecer que rezávamos todos os dias o pai nosso e ave Maria. Também lembro das festas religiosas promovidas pela a igreja. Foi um fator fundamental na minha vida, a presença constante dos meus pais na prática de sua fé, tanto na ida para a igreja como o ensinamento em casa. Crescemos com respeito a Deus, tendo O Criador do Céu e da Terra e ao fazer o homem, estabeleceu o modo de vida que devemos ter, Amá-lo em todos os sentidos e também o seu próximo.

Depois de muitos anos, minha mãe teve outra filha, dando alegria para toda a família, quase todos já eram adolescentes. Todos a paparicavam a nova irmã, procurando ensinar da forma como fomos ensinados. Tanto que hoje é uma moça estudiosa e responsável.

A maior perda da minha vida foi o falecimento de minha mãe. Pessoa íntegra, educadora e mãe que deixou saudade para sempre aos seus filhos e colegas de trabalho. A Secretaria de Educação do Município homenageou com seu nome em uma das salas de estudo na Casa do Saber.

A casa do Saber era um prédio em que funcionava uma Instituição assistencialista da Legião Brasileira de Assistência - LBA, também ocupava algumas salas de aulas para crianças de 04 a 05 anos, para estudar na pré-escola. Depois, foi desativada, com a extinção deste órgão. Depois de alguns anos, o espaço foi ocupado com assistência aos idosos, com a administração do prefeito Edson Sá, que comprou um sítio para abrigá-los, reformando o antigo prédio na intenção de ser a Casa do Saber, onde funciona as formações dos professores do município de Aquiraz.

Na minha adolescência, abandonei a boneca, pois descobri o prazer do amor! Tentava conciliar os estudos e sentimentos, querendo aprender sobre paixão, amor namoros e outros assuntos. Meu primeiro namorado foi meu marido. Hoje somos separados, mas mantemos um laço de amizade. Desse relacionamento, nasceram dois lindos filhos, José Hélio Filho e José Alberto Rodrigues Neto. Meu filho José Hélio já é casado e tem uma linda filha de quem tenho orgulho de ser avó.

Meus pais nasceram em Aquiraz e todos os seus filhos também. Nossa residência se localizava na zona urbana. Minha cidade natal foi a primeira capital do Ceará. Mesmo morando na zona urbana, esse lugar conta ainda com muitas árvores e rios por todo lado. O nome Aquiraz tem origem indígena e significa “água bem ali”.

A cidade de Aquiraz está localizada na costa leste do litoral cearense, tendo sido colonizado pelos os europeus. No centro de Aquiraz, encontram-se vários pontos turísticos, edificações de interesse histórico, como a praça da Matriz de São José de Ribamar, construída no século XVIII, destacando o nicho central do altar mor a imagem do padroeiro da cidade, São José do Ribamar. A antiga cadeia, onde hoje funciona o Museu Sacro são José do Ribamar, possui cerca de 600 peças de caráter religioso, visitadas diariamente por turistas. O mercado da carne muito antigo, outrora era o centro comercial da cidade.

Em Aquiraz há muitas casas de origem Portuguesa e Espanhola. A casa do capitão Mor, é exemplo do casarão na época. Os jesuítas moraram em Aquiraz e construíram o chamado “sítio colégio”, que se entendia o famoso “Hospício dos Jesuítas” que servia para seu descanso. Essa congregação religiosa tinha como missão catequizar os aborígines nos mais longínquos confins da capitania.

Minha cidade tem se desenvolvido bastante. Há, hoje, muitos comércios e bancos. As escolas foram todas reformadas, as pessoas são mais civilizadas e buscam a melhor a cada ano. Lembro que minha mãe sempre explicava a história de nossa cidade, hoje tenho orgulho de ser aquiraense.

## 2.2 RECORDANDO A INFÂNCIA E AS BRINCADEIRAS

Transcrevo minha infância de modo gratificante. Nesse período da minha vida foi marcado pelas brincadeiras, as músicas, a crença, as danças e até mesmo os castigos, que me fizeram chorar, influenciaram no meu desenvolvimento intelectual, sentimental e social.

As experiências e os conhecimentos adquiridos foram significativos, por que lembro que ficava pensando em tudo que havia me ocorrido, gerando uma forma de não repetir os erros e fortalecer os acertos quando era elogiada por algo que praticava ou melhor fazia uma boa ação, procurava repetir.

Ao relembrar da minha infância, há várias brincadeiras marcantes. Lembro-me de muitas brincadeiras ao ar livre, na companhia de amigos, primos e meus irmãos.

Tive muitos amigos, brincávamos juntos (meninas e meninos), brigávamos muito (meia hora depois, ficávamos “de bem”), dividíamos brinquedos e guloseimas. Tive apelidos, coloquei apelidos e, tudo bem? Não se conhecia a palavra *bullying*, e essas perseguições vergonhosas ainda não eram coisas que traumatizavam tanto.

Das lembranças que guardo, recordo as lindas histórias contadas pela minha mãe, os quais são: Branca de Neve; Chapeuzinho Vermelho; os três porquinhos, Bambi e Cinderela, fortemente foram esses que marcaram minha vida.

Para Lima e Rosa (2012), as fábulas de constituem como narrativas utilizadas para realizar alguma crítica ou reflexão sobre o comportamento humano. Os personagens, geralmente animais, apresentam características própria dos homens, como coragem, inveja, solidariedade ou egoísmo. As formas como cada personagem se comporta permite a reflexão e o ensinamento acerca da convivência e do caráter humano.

Ao ouvir essas histórias, aprendi muito sobre o que é ser uma pessoa boa ou má, o que é certo e o que é errado. Desse modo, cercada pela fantasia das histórias, eu fui sendo educada e construindo meus valores.

Minha mãe, por ser professora, gostava de brincar de teatro e escolinha, no intuito de incentivar suas filhas serem professoras. Pedia que desenhasse, fazia dobradura no papel de jornal, barquinho e outros desenhos. Ficávamos encantadas com tudo o que ela fazia. Também costumava brincar de bonecas, casinha e escolinha com minhas irmãs.

Uma latinha com água, um talo de mamona ou de mamoeiro (ou pedaço de mangueira de jardim) e sabão em pó. Pronto! Estava pronta a brincadeira. Era só enfiar o canudo na água ensaboada e soprar. Dezenas de bolinhas transparentes bailavam no ar até estourar. Confesso que, por diversas vezes, engoli a água com sabão. Fazíamos competições – quem fazia a bolha maior?

Na época do inverno quando caia uma torrente de chuva, as águas cobriam meu corpo, corriam e lançava os chinelos na corrente das águas e sai atrás.

Segundo Vygotsky (1989, p. 84) “As crianças formam estruturas mentais pelo uso de instrumentos e sinais. A brincadeira, livra a criança das amarras da realidade”.

Hoje compreendo que a brincar faz parte do mundo da criança, enquanto ela brinca se socializa, aprende e se desenvolve, e aprende a tomar decisões, percebe melhor o mundo dos adultos.

As brincadeiras têm como função principal o aprendizado, promover a desenvoltura, a socialização, a motricidade e, ainda, a pura diversão.

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, v. 3, p. 93):

> Enquanto desenham ou criam objetos, as crianças também brincam de “faz de conta” e valorizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas, ampliando sua forma de pensar e sentir, o mundo sobre qual estão inseridas. A criança cria, recria individualmente formas expressivas interagindo percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade o nos diz que, que poderão então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

Na minha infância, era simples fazer uma criança feliz! Tudo se transformava em brinquedo ou brincadeira, graças a nossa criatividade. Diversão garantida por um longo período.

Brinquei de pega-pega, mãe-da-rua, esconde-esconde, passa-anel, balança-caixão, morto-vivo, batata-quente, adoletá, cobra-cega, nós quatro, pula-sela, cama-de-gato, polícia e ladrão, pular corda, pião, bolinha de gude, rodei pneu, tive balanço no flamboyant que tinha em frente à minha casa e muito, muito mais. Brinquei na terra, no barro, na lama, na areia, peguei peixinho e girino no rio, coloquei chinelo na enxurrada, fiz barquinho de papel. Fiz e soltei muita pipa!

Segundo Kramer (2007, p.15):

> Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu

> poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância".

Como foi possível perceber, a minha infância foi um momento de extrema importância para a minha formação. Compreendendo como essa fase da vida é determinante para o pleno desenvolvimento de uma criança, percebo o tamanho da responsabilidade que um professor de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental carrega consigo.

## 2.3 A ESCOLA E O CONTATO COM A LEITURA

Iniciei meus estudos com cinco anos de idade. Da alfabetização até a 4° série estudei na escola Municipal Jenipapeiro, onde tive o prazer de ser aluna de minha mãe, minha primeira professora. Sentia-me agraciada por ter uma mãe presente na minha vida escolar ensinando-me as primeiras letras, além de ser minha educadora no meu lar era a minha educadora na escola.

Lembro que a escola era antiga, as salas de aulas pequenas, não havia desenho, somente as carteiras em forma de mesa com cadeira, acesso para todos os alunos. O pátio não servia somente para brincar no recreio. Era usado também para fazer as filas que nos organizavam nas atividades que aconteciam antes de entrar em sala. No pátio em fila nos tínhamos que cantar e rezar, às vezes a diretora dava alguns avisos.

Na escola havia merenda, fornecida pela a prefeitura.

Lembro com amor da minha primeira professora, não por ser minha mãe, mas ela cuidava bem de seus alunos. Antes de começar a ensinar as leituras, ela conversava, dando exemplos de vida, contava histórias interessantes. Lembro de uma até hoje.

> Certo dia no reino encantado, o rei dizia que Deus não era bom, por que existiam muitas crianças com fome, até que um dia, chega um homem que passou a ser seu conservo deste reino e ouviu do rei dizer que Deus não era bom ele perguntou por que, ele explicou: ele imediatamente falou você já parou para pensar? E falou: Deus é

> bom, a culpa de existir crianças com fome não era dele e sim de quem governa e pega o dinheiro que deveria ser redistribuindo para todos em forma de trabalhos para os pais e eles terem dinheiro para comprar alimentos para os seus filhos o rei pensou, realmente Deus é bom (RELATOS DA PROFESSORA).

Dona Aldenice ensinava através da cartilha ABC e a tabuada, mas ela além de ensinar as silabas, trazia desenhos para que formássemos palavras, de acordo com as silabas estudadas. Éramos condicionados a fazer cópia das palavras estudas e depois ditados. Na matemática fazíamos muitas contas de somar, a professora nos ensinou através dos dedos a contar, como também utilizar palitos de picolé e fósforo, depois íamos para o papel. Levava para casa tarefinhas, um dia seria português e o outra matemática, copiado por ela no caderno.

Minha experiência na sala de alfabetização foi muito boa. Havia poucos alunos e a professora além de ensinar a escrever e somar estimulava a aprender através da música, danças e atividades, como: desenho; cobrir o próprio nome e as letrinhas estudadas, achava tudo divertido, gostava de ir para a escola.

Durante os 1° ano até 4° ano, como estudei na mesma escola, o ensino foi totalmente tradicional, provas bimestrais, para adquirir notas, arguições. Cópias, ditados, questionários das disciplinas decorativas, que era obrigatório responderem da mesma forma que a professora corrigia o certo. Tínhamos que seguir as regras exposta pela a escola e a direção, essa que não permitia alunos indisciplinados, os pais eram chamados a direção e caso repetisse era expulso da escola e os alunos que não tirassem notas boas repetia de anos quantas vezes fosse possível. Graças a Deus nunca precisei repetir o ano e meu comportamento era bom.

A alfabetização era compreendida de maneira restrita, somente como domínio do código, não era compreendida como processo. As sucessivas repetições, muitas vezes, faziam com que os alunos desanimassem, se sentissem incapazes e acabassem por abandonar a escola. Tudo isso é diferente nos dias de hoje. A alfabetização anda lado a lado com o letramento, leva em conta os progressos obtidos pelos estudantes e compreendem que há várias hipóteses para transitar até se estar completamente alfabetizado (FERREIRO; TEBEROSKI, 1986).

A minha professora do primeiro ano era muito reservada, explicava o conteúdo e depois tínhamos que fazer bastante cópia. Quando um aluno não tirava notas boas ela brigava e pedia para que estudasse mais. No ditado quando errava

uma palavra tinha que escrever a mesma palavra umas dez vezes. Apesar de sapeca, eu conversava pouco, pois minha mãe sempre recomendava que tinha que fazer tudo que a professora mandasse, embora achava que devíamos ser mais livres na sala, mas era exigência da direção. Neste período, gostava muito de educação artística e estudos sociais, devido ter muitos desenhos.

Hoje percebo que na exploração da educação artística, poderia ter sido mais direcionado, mas acredito que mesmo assim despertou aprendizagem. Aprendi que a arte é uma atividade criadora do espírito humano, que busca representar as experiências coletivas ou individuais através de uma impressão estética, sensorial, emocional, cognitiva, sociais, éticas e estéticas bom, então a uma intima relação entre arte e arteiro. A dimensão estética da formação exige das políticas educacionais e dos cursos de Formação de Professores outros comprometimentos. “Formando, dessa forma novo caráter, não mais relacionado à educação artística de outrora, mas com conteúdo próprio e não mais como atividade” (SANTOS, 2006, p.112).

No segundo e terceiro anos, minhas professoras eram mais simpáticas, deixavam a gente conversar um pouquinho, sempre no final da aula, mas não queria barulho. Ajudavam nas tarefinhas e pediam sempre que os alunos estudassem em casa e que aprendessem a se comportar para não serem chamados pela a direção. Da mesma forma foi o quarto ano, a diferença foi o modo como cada professora nos tratava.

Minhas turmas participavam de todas as atividades comemorativas: no carnaval, colocávamos lindas fantasias; na páscoa, nos vestíamos de coelho, pintávamos o rosto; nas festas juninas, brincávamos de quadrilha; festa das mães, lembro da minha emoção de recitar uma poesia para a minha querida mãe. Todas essas datas comemorativas guardam na memória atividades de desenhos, danças, músicas, teatro, que foram gratificantes para o meu desenvolvimento emocional intelectual e social, ajudando no meu comportamento. Embora não entendesse muito bem a escrita, desenvolvia a fala e a interação com as demais crianças.

Lembro de uma festa junina, onde minha mãe fez um lindo vestido, senti uma rainha! Gostava muito de dançar, de me apresentar, de me arrumar, meus cabelos com lindas tranças.

De acordo com Cenci e Costas (2009, p. 135)

> Olhar o sujeito, no caso olhar o aluno, como ser sócio-histórico-cultural significa perceber o processo de aprendizagem não exclusivamente ligado ao indivíduo que aprende (ou ao indivíduo não aprendente), mas relacionado ao contexto cultural desse processo – que por ser processo envolve aluno e professor, ambos marcados por uma história individual que se reflete no comportamento atual, e também por uma história cultural, que condiciona determinadas atitudes.

Percebo que o trabalho realizado pelas minhas professoras, abordando não só a língua escrita, mas a artística e cultural, envolvia uma dimensão sócio histórica relacionada com nossa identidade cultural. A possibilidade de participar das diferentes atividades me proporcionou o desenvolvimento de posturas importantes relacionadas à capacidade comunicativa, à organização de meu pensamento e a aprendizagem da relação com o outro.

Depois de concluir o 4° ano, fui morar com meus avós, passando a estudar na escola particular da CNEC, paga por eles. Lá permaneci estudando até segundo grau (atualmente ensino médio). Esta instituição de ensino era extremamente rígida, com o ensino tradicional, onde o aluno tinha que obedecer às regras por ela ditadas. Caso o estudante não seguisse esses regramentos era punido. Os professores eram os donos do saber, o aluno apenas estudava para passar de ano. Nesta mesma escola estudei o magistério, realizando o sonho de ser professora.

A escola tradicional está relacionada com o ensino como transmissão. O professor ditava as regras, sem dar direito de o aluno questionar; era o dono do saber. Ao aluno cabia obedecer e fazer as atividades conforme exigência do professor (LIBÂNEO, 1990). Nesse modelo de educação voltado para o ensino totalmente tradicional, o aluno recebe os conteúdos e deve aprender o que o professor exige, muitas vezes sem direito de questionar ou construir seus conhecimentos de seus interesses. O professor também era visto com ditador, mas na realidade ele era uma vítima das regras imposta pelo o sistema educacional do país.

Comecei a trabalhar como monitora na escola onde minha mãe trabalhava, com 14 anos e já sonhava em ser professora. Trabalhei quatro anos

nesta escola. Logo surgiu o primeiro concurso público em Aquiraz, no dia 3 de maio de 1991. Passei em 20º lugar e fui lecionar na escola Creche Criança Feliz, onde trabalhei durante um ano e sete meses. Depois fui transferida para a escola Laís Sidrim para trabalhar com ensino fundamental.

No ano de 2000, no dia 22 de abril, fiz minha primeira faculdade pela a Universidade Estadual Vale do Acaraú, em História e Geografia, com a duração de quatro anos. Ampliei meus conhecimentos, aprendi métodos que podiam ajuda na aprendizagem dos meus alunos. Como afirma Santos (2008, p. 114);

> O professor e a escola como um todo podem ser um elo muito importante entre o educando, a família e a sociedade, no intuito de observar ou até mesmo apontar soluções a problemas que interferem diretamente no objetivo maior da educação, que é a aprendizagem do aluno.

Em 2005, fiz Pós-graduação na educação infantil, com duração de dois anos e seis meses, adquirindo mais conhecimentos. A Psicologia da Infância I fez com que tivesse um intercâmbio em minha sala de aula. A partir dessa disciplina percebi que o vínculo com as crianças passou a ser mais “amigável” em relação à conduta comportamental, compreensão em fases do desenvolvimento. As dezesseis disciplinas serviram muito para o meu trabalho e desejo adquirir muitos conhecimentos e melhorar cada vez mais meu profissionalismo.

A busca pela ampliação de meu conhecimento como docente continua. Hoje estou cursando pedagogia na UECE, através do Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR, que tem possibilitado a construção de novos conhecimentos. A vivência no curso me revela a cada dia a importância de mediar os conhecimentos e o valor de proporcionar aos alunos uma educação de qualidade.

# 3 PARFOR

> A profissionalização é entendida como desenvolvimento sistemático da profissão, fundamentada na prática e na mobilização/atualização de conhecimentos especializados e no aperfeiçoamento das competências para a atividade profissional. É um processo não apenas de racionalização de conhecimentos, e sim de crescimento na perspectiva do desenvolvimento profissional. (Ramalho et al, 2004, p.50).

Este Capítulo objetiva refletir sobre o escrito e o vivido na proposta de formação do FARFOR / UECE.

Considerando que a teoria e a prática são tratadas de forma dicotômica na realidade social, de maneira consciente ou não, buscarei situar tanto as contribuições deixadas por essa experiência formativa para minha vida pessoal e profissional, quanto os desafios enfrentados e superados no decorrer destes cinco anos (2011-2016).

Desse modo, o capítulo está organizado em três partes: minha chegada ao PARFOR; O PARFOR como uma política para formação de professores e vivências no referido curso.

## 3.1 MINHA CHEGADA AO PARFOR

Ao relembrar minha chegada ao PARFOR, o primeiro fato de que recordo foi a necessidade possuir titulação no curso superior em Pedagogia. No contexto de exigências legais de qualificação para o exercício do magistério no Brasil me vi na condição de professora leiga, pois mesmo sendo graduada em geografia e história, minha titulação não me permitia atuar nos anos iniciais do ensino fundamental, que são espaços de atuação específica para Pedagogos.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional nº 9394/96 determinava que “até o fim da década da Educação somente serão admitidos professores habilitados e, nível superior [...]” (Brasil, 1996, Art. 87, § 4). Com essa

demanda, surgiram Programas Especiais de Formação para oportunizar qualificação profissional para os professores ativos nas salas de aula das redes estadual e municipal que ainda não possuíam a devida formação. Devido a essa demanda surgiu o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR.

Os cursos ofertados pelas Instituições de Ensino Superior pelo PARFOR são gratuitos e voltados os professores em exercício das escolas públicas da educação básicas. Para garantir esse direito dos professores a formação profissional, de forma emergencial no Brasil, as instituições formadoras recebem recursos adicionais do Ministério da Educação (BRASIL, 2009).

Já consciente de minha condição de leiga para atuação na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, resolvi fazer o curso de Formação Superior em Pedagogia. A conclusão do curso e o diploma de Pedagoga me permitiriam continuar atuando junto às séries com as quais eu me identifico. Desse modo, resolvi que teria que enfrentar mais essa jornada.

No mesmo período em que procurava informações em algumas faculdades, para tentar novamente o vestibular, a Secretaria de Educação do Município convocou todos os professores que estavam na mesma condição que eu, para divulgar a realização do curso no programa PARFOR, pela Universidade Estadual do Ceará. Foi explicado que o curso oferecido seria gratuito para professores da rede pública e que a secretaria se responsabilizaria pelo transporte para Fortaleza. Também foi mencionado que a pré-inscrição ocorreria por meio eletrônico através da plataforma Paulo freire. Todos os professores atenderam a esta demanda e se inscreveram. Minha aprovação no vestibular foi concretizada e iniciei o curso superior em pedagogia no ano de 2013.

O curso de Pedagogia, de acordo com Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006), destina-se à formação dos professores para exercer funções de magistério na educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Foram grandes as minhas expectativas, principalmente a valorização da Pedagogia como graduada. Uma qualificação docente num processo educativo flexível, criador e questionador.

Experimentar e vivenciar diferentes possibilidades educativas, tais como um curso que dispõe do uso de tecnologias da informação e comunicação em sua proposta pedagógica e reflexão sobre o processo educativo na prática, tem sido uma experiência singular que tem contribuído para o enriquecimento de minha prática pedagógica. As trocas de experiências com os demais professores de outros lugares, os conteúdos de forma lúdica foram direcionados forma mais clara, os novos olhares sobre as práticas pedagógicas e a inovação têm se constituído como grandes contribuições para minha prática profissional.

Quero reforçar que as expectativas antes de iniciar o curso PARFOR foram superadas. O curso ofereceu um incentivo para o exercício da reflexão, fortalecimento a minha participação ativa no processo educativo de modo que tentarei atender às necessidades e expectativas da educação através das ações de ensino.

O PARFOR, além de cumprir as exigências legais propostas pela LDB nº 9394/96, que prevê a graduação superior para todos os profissionais atuantes na educação, tem atendido plenamente seus objetivos e formação, articulando o currículo da formação de professores às demandas educacionais presentes na educação básica.

O curso vem incentivando, por meio dos novos conhecimentos construídos, o trilhar de um caminho para a autonomia de quem aprende e de quem ensina, contribuindo também para a minha atuação formação superior em Pedagogia. O curso abriu um enorme leque de conhecimento, que mesmo sem ser valorizados, utilizarei na minha prática profissional. Quem sabe a nova geração de professores possa ser valorizada pela a sociedade como um todo.

O PARFOR-Ceará, ofertado pela UECE, promoveu vestibular tanto na Faculdade de Ciências e Letras do Sertão Central – FLECESC – em Quixadá, como Campus do Itaperi, em Fortaleza. Neste campus, o vestibular incluía as regiões metropolitanas. Assim, tive o prazer de fazer parte de mais uma formação.

No primeiro dia de aula, fomos recepcionadas com a equipe da coordenação e alguns professores. Logo em seguida, a coordenação fez um discurso, ressaltando a importância da implantação do FARFOR na UECE para que os professores cearenses pudessem conquistar a tão sonhada graduação.

Minhas perspectivas ao ingressar na formação superior no PARFOR foram acompanhadas de muita ansiedade. As atividades que teriam que ser feitas,

os seminários para apresentar, o percurso para a faculdade, pensava em tudo e a forma com iriam se realizar. Imaginava, também, como seriam os professores, suas exigências, seu relacionamento com seus modos de transmitir o saber. Me preocupava com o saber e o que iria aprender de novo. Toda essa expectativa toda respondida no decorrer de cada disciplina, em que tudo realizado foi de suma importância para um bom embasamento na minha vida em todos os sentidos.

## 3.2 PARFOR COMO UMA POLÍTICA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Com o avanço no processo de democratização do acesso da população à escola no Brasil, foi iniciada uma discussão que colocava como ponto central a relação entre a qualidade na educação básica e a qualificação profissional dos docentes. Dentro deste contexto, a LDB n° 9394/96 estabeleceu em seu Art. 62º a formação em nível superior como perfil para o exercício da docência.

O MEC, na responsabilidade de assumir seu papel como executor de políticas educacionais, promoveu articulação com estados e municípios, com a finalidade de proporcionar a elevação da qualificação profissional nos quadros docentes, reduzindo a quantidade de professores leigos, através de através de Programas Especiais que visavam à realização de cursos de formação superior para estes professores.

Segundo Costa (2010, p. 52):

> No contexto cearense, as universidades estabeleceram convênios com os municípios e organizaram formas alternativas de atendimento, nos cursos de licenciatura, a um grande contingente de professores. Dadas as limitações estruturais e as condições de vida e trabalho dos educadores, o funcionamento dos cursos se deu nos próprios municípios, em espaços escolares da própria rede pública de ensino.

O grande número de professores leigos, atuando principalmente nos órgãos públicos, tornou-se uma grande preocupação das secretarias de educação, que estabeleceram convênios, com as universidades para a garantia o cumprimento das leis educacionais. Diversas universidades ocupando lugares no mercado

lucrativo participaram da expansão desordenada da educação superior, comprometendo negativamente a qualidade de formação.

Quero com isso observar que a pressa de muito professores em buscar qualificação, associado aos desafios a serem enfrentados por parte das secretarias em custear formações promovidas por tais instituições, acabam por comprometer a qualidade de ensino.

Segundo Freitas (2002, p. 148) os cursos de ensino superior para formação de professores:

> Todo esse processo tem se configurado como um precário processo de certificação e/ou diplomação e não qualificação e formação docente para o aprimoramento das condições do exercício profissional. A formação em serviço da imensa maioria dos professores passa a ser vista como lucrativo negócio nas mãos do setor privado e não como política pública de responsabilidade do Estado e dos poderes públicos. O “aligeiramento” da formação inicial de professores em exercício começa a ser operacionalizado, na medida em que tal formação passa a ser autorizada fora dos cursos de licenciatura plena como até então ocorria e como estabelece o at. 62 da LDB.

Temos que compreender de forma crítica que muitas universidades em convênios com as secretarias de educação dos órgãos públicos, tanto podem gerar os efeitos positivos, quanto servirem apenas cumprir com as meras exigências das leis educacionais.

No ano de 2007, o Governo federal lançou por meio de Decreto n° 6.094, que dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade. Para ser materializado, este contava com 28 diretrizes, das quais a prevista no inciso XII dizia respeito à instituição de programa próprio ou em regime de colaboração para a formação inicial e continuada de profissionais da educação.

Com a elaboração do Plano de Ações Articuladas (PAR), instrumento criado para diagnosticar de forma padronizada a realidade educacional dos municípios brasileiros, foram elaborados diagnósticos relativos aos mais diferentes aspectos da educação. No eixo “formação de professores e profissionais de serviços e apoio escolar” os municípios apresentariam as suas necessidades em relação à formação inicial e continuada. Somente no dia 20 de dezembro de 2007, o governo Federal através de Decreto n 6.316, atribuiu como umas das finalidades formatar em regime de colaboração com os Estados, os Municípios e Distrito Federal, e exclusivamente mediante convênios com instituições de ensino superior públicas, a formação inicial e continuada de profissionais de magistério. Tal proposta, visava atender à Diretriz XII do Plano de Metas.

Nesse movimento de investimentos governamentais para a qualificação do quadro de docentes, o MEC e a CAPES instituíram, no ano de 2009, os cursos em Universidades e Instituições Superiores, através do PARFOR, para os professores em exercício em sala de aula, da rede pública estadual ou municipal, possibilitando a formação superior deste docente. O citado decreto prevê que as instituições de ensino superior proporão cursos para atender às demandas regionais. Respaldadas pelos Fóruns Estaduais Permanentes de apoio a Formação do Docente.

Assim, o PARFOR surgiu como um Programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009, na modalidade presencial, visando induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício na rede pública de educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela LDB 9394/96 e contribuam para a melhoria da qualidade da educação básica no País.

O reconhecimento do Governo Federal na implantação do PARFOR propiciou mudanças na história de vida de muitos professores, detentores de diferentes graduações, proporcionando o desenvolvimento de um novo olhar para as práticas pedagógicas, possibilitando a continuação de seus conhecimentos e formação.

A Formação Superior em Pedagogia, sendo uma opção para quem quer ingressar na Educação Infantil e no ensino Fundamental nas séries iniciais, propicia a valorização do professor, seus saberes e suas práticas. Infelizmente, mesmo

diante de tantas exigências, a profissão de professor ainda não é valorizada pela a sociedade brasileira como deveria: somos mal remunerados, temos condições de trabalho precárias; acumulamos trabalho; sofremos violência por parte da sociedade; nossos direitos não são respeitados e as leis que favorecem o professor não são cumpridas; desvalorizados, em termos de salário, desenvolvimento profissional e prestígio social.

O Professor como um ser pensante, formador de opiniões, ser político, crítico e emotivo ainda é tratado com descaso pela sociedade. Como mediador na construção dos saberes, ainda não houve uma despertar por parte da sociedade brasileira para o fato de que este profissional é extremamente importante para o desenvolvimento do saber de uma sociedade.

A responsabilidade das instituições de educação superior se reafirma na formação dos professores, uma vez que estes serão formadores de opinião para as futuras gerações. A grandeza do trabalho dos professores formadores de compreender o significado da carreira docente em toda sua extensão, incluindo, principalmente, o compromisso com sua formação e os reflexos que ela incidir sobre sua vida pessoal e profissional é o que singulariza o PARFOR.

## 3.3 VIVENDO O PARFOR

A minha vivência acadêmica no curso em Pedagogia realizada no PARFOR, na Universidade do Ceará, foi de grande importância o conhecimento das disciplinas para a construção de minha formação profissional.

Direcionar o ensino de forma prazerosa, dentro da realidade do aluno, realizar pesquisa vivenciada a prática na disciplina de ciências naturais I e II foram algumas das aprendizagens construídas junto com a professora Dra. Cristiane Forte. Os conteúdos e atividades abordados na disciplina fortaleceram mais ainda a necessidade de ensinar através de aulas de campo.

Os filmes relacionados a educação me ajudaram a compreender aquilo que pode ser alcançado através de uma educação tradicional. A formação do aluno para o exercício crítico da cidadania é um dos principais elementos prejudicados pela perspectiva tradicional de transmissão do conhecimento. Estas reflexões foram despertadas pela disciplina: EJA, ministrada pelo professor Ms. Alles Lopes de

Aquino. Baseado no filme “Educação Proibida”, o professor nos mostrou a forma como se trabalha com jovens e adultos.

Os seminários integradores I e II relatam as verdades da profissão de Professor, da educação e suas demandas. Ensinar, saber utilizar pesquisa de campo no conhecimento do lugar onde convivemos, foi o que aprendi com o professor Luiz Antônio.

No movimento de construção do conhecimento, a criança percorre um longo caminho e passa por diferentes linguagens de expressão. A fala, o desenho, a pintura, a modelagem, a escultura, o faz-de-conta são formas de expressão das experiências vividas e interpretadas pelas crianças – ou seja, das aprendizagens das crianças, na disciplina contribuições teorias psicogenéticas para Educação de crianças, com as professoras, Sandra Scharam e Lourdes Nunes. Ao abordarmos as atividades lúdicas como elementos fundamentais para a aprendizagem, compreendemos a importância da utilização de jogos e brincadeiras na prática pedagógica. A mediação na utilização do lúdico deve ser pautada numa acolhedora relação professor-aluno, de um planejamento adequado na organização do trabalho pedagógico. Os jogos trazem o mundo para a realidade da criança e possibilita o desenvolvimento de sua inteligência, sensibilidade, habilidades e criatividade. Jogar ajuda a reduzir a agressividade e auxiliando a inserção da criança à sociedade, bem como na construção de seu conhecimento.

Aprendi, durante o desenvolvimento das atividades ministradas pela professora Maria Ivonisa no decorrer da disciplina matemática I no ensino fundamental e as situações vivenciadas no cotidiano de sala de aula, que o professor deve utilizar materiais concretos dando oportunidade de manipulação e experimentação com o uso dos mesmos para fomentar a construção de conceitos matemáticos na disciplina de matemática I no ensino fundamental.

Na disciplina Psicologia do Desenvolvimento II, ministrada pela professora Ms. Olney Rodrigues de Oliveira, estudei o desenvolvimento segundo Erikson, compreendendo que é um processo evolutivo baseado em uma sequência de eventos biológicos, psicológicos e sociais, universalmente experimentados, envolvendo um processo auto terapêutico de cura das cicatrizes criadas pelas crises naturais e acidentais ao desenvolvimento. Em cada fase de desenvolvimento, o indivíduo deve enfrentar e dominar um problema central que se torna dominante e se revela, em sua forma mais clara, como seu dilema da fase. Erik chamou de crises

ou conflitos os oitos estágios e os cincos primeiros estágios são essencialmente, uma reformulação e expansão dos estágios do desenvolvimento psicossexual de Freud. E os três últimos estágios correspondem à fase adulta, enquanto os cincos primeiros envolvem a infância e a adolescência. Enfim todos os professores contribuíram de forma positivo para a minha formação acadêmica.

O curso tem marcado extremamente minha história de vida, possibilitando outros olhares sobre a educação. Tive a necessidade de refletir acerca das minhas práticas pedagógicas, onde o pensamento retrocede para dar aplicabilidade aos métodos que não permitiam fluir corretamente o verdadeiro papel do educador.

Antes ensinava sem nenhum embasamento, mesmo participando de alguns cursos, mas o aprendizado era copiado. Hoje, percebo pela construção dos conhecimentos que essa é a marca primordial, deixada pela a formação do curso superior no PARFOR. Foram tantas as marcas, tudo resumindo na aprendizagem, aprimorando o meu crescimento como profissional.

Confesso que ao realizar as pesquisas, refleti como uma educadora erra enquanto faz trabalho de pesquisa com seus alunos. As pesquisas realizadas durante minha trajetória no PARFOR mostraram a importância desta atividade investigativa.

O trabalho de campo foi fundamental. Através dele vivenciei, questionei a utilização dos meios de comunicação para a aprendizagem, de modo que o processo de construção de conhecimentos não se centralize apenas no professor, oportunizando a aprendizagem de procedimentos necessários à busca por informações nos mais variados instrumentos.

Na busca de realizar o curso superior em Pedagogia pude observar a postura dos professores que marcaram profundamente meu intelecto, mostrando uma posição de respeito, ética e que são eternos aprendizes. Seus comportamentos são dignos de seu profissionalismo. Eles realizaram o que Freire (1996, p. 34) nos ensina ao dizer que “Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o rediz em lugar de desdizê-lo”.

Relaciono a questão de que cada professor tem seu estilo de se relacionar com seus alunos (professor estudante) e a forma de colaborar no processo de construção do saber, o que tenho a dizer que cada um com suas diferentes maneiras de ensinar, todos se colocaram em posição de dignidade, característica importante de um pedagogo.

Ao trabalhar com o processo de aprendizagem, percebi que estavam seguros no conhecimento da disciplina, prontos para esclarecer qualquer dúvida. Que se entende que estão em constante aprendizado, principalmente diante dos desafios profissionais no cotidiano da prática de ensino (FREIRE, 1996).

Os sentimentos de preocupação estiveram estampados no rosto de cada professor, buscando saber se nós estávamos aprendendo, também como elevar o nível de aprendizagem do mesmo.

A criatividade dos professores em ministrar as aulas nos levava a refletir sobre nossa prática em sala de aula. Alarcão (2003, p. 41) afirma que:

> [...] A Noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano criativo e não como Nero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada a reativa.

Na minha percepção, sentia nos professores a importância em nós a capacidade de sermos formadores de opiniões.

O processo de avaliação foi tão importante na aprendizagem no curso PARFOR, que em minha atuação como professora, me faz compreender: o que é avaliar, como se deve avaliar e por que avaliar. Aprendi que quando se constata, por meio da avaliação, que o aluno não aprende, é necessário identificar o que o aluno precisa aprender. Essas aprendizagens foram fundamentais, pois o objetivo é a construção da aprendizagem significada e não avaliar para a obtenção de nota.

Raramente acontecia de um professor do curso desmotivar um professor estudante em sua disciplina. Lembro, contudo, que em um momento, apesar de mediar os conhecimentos em uma prática reflexiva, não era afetivo com seus professores estudantes.

Posso afirmar que o PARFOR marcou profundamente a minha vida pessoal e profissional. Mesmo as viajem cansativas, as faltas de estímulo em assistir as aulas causadas pelo cansaço físico podem caracterizar como as mudanças foram

totais, pois construí durantes estes percursos amizades, conhecimentos, desafios, mudança de comportamento, que fizeram de mim um novo ser com novas posturas, capaz de enfrentar com segurança todos desafios que vierem, com cada vez mais capacidade e sabedoria.

Nesse momento julgo essencial a relação interpessoal entre professores estudante e professores do curso de formação superior em Pedagogia.

Transformei-me em um ser mais compreensível, capaz de distribuir mais afeto ao discente e as colegas onde me relaciono no meu dia a dia, privilegiando a vida como ser pensante, que através da prática possamos construir uma sociedade mais justa.

# 4 APRENDENDO COM A PRÁTICA DOCENTE

> A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.
>
> (Paulo Freire).

No decorrer deste capítulo apresentarei elementos relacionados às experiências de estágios vividas no PARFOR e suas contribuições para a minha formação docente, com o objetivo de refletir sobre a interdicisplinaridade nos processos de construção dos conhecimentos.

O texto se organiza a partir da estrutura de estágio proposta pelo PARFOR em três momentos e contextos distintos: a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e a Gestão Escolar. As reflexões se encontram dispostas nas seguintes temáticas: A Cultura e o Brincar e a Educação Infantil; A Leitura do Mundo e da Palavra no Ensino Fundamental; O Pensar e o Sentir no diálogo entre e Escola e Comunidade.

## 4.1 A CULTURA E O BRINCAR E A EDUCAÇÃO INFANTIL

A cultura e o brincar na educação infantil, são abordados nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 21), da seguinte forma:

> A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas.

Em diferentes lugares, tempos e contextos histórico e social em que a criança convive, estão presentes as brincadeiras em suas mais formas diferentes. Há mudanças nos espaços geográfico, cultural e histórico, mas a relação com o brincar, revela a importância desta ação para o desenvolvimento cognitivo e cultural.

As brincadeiras são universais e estão inseridas da história da humanidade. Ao longo dos tempos, as brincadeiras fazem parte da cultura dos povos. Com isso se entende que é uma ação presente na vida da criança, que acontece espontaneamente e lhe proporciona prazer e sem comprometimento.

Além disso, percebemos o valor que as brincadeiras proporcionam para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, do pensamento, da aprendizagem, fazendo parte do cotidiano da criança.

Geralmente, quando ingressa na Educação Infantil, a criança é conhecedora de muitas brincadeiras. Assim, atualmente, as práticas pedagógicas permitem o fazer aprender a partir da prática do brincar, sendo necessário o planejamento que desenvolva a ludicidade, a brincadeira no contexto escolar da educação escolar.

Segundo os RCNEI (BRASIL, 1998, p. 56):

> [...] a educação assume as funções: social, cultural e política, garantindo dessa forma, além das necessidades básicas (afetivas, físicas e cognitivas) essenciais ao processo de desenvolvimento e aprendizagem, a construção do conhecimento de forma significativa, através das interações que estabelece com o meio.

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica. É importante que essa etapa seja tranquila e proveitosa, possibilitando o desenvolvimento sem problemas e o convívio harmonioso com os colegas e educadores. Os reflexos deixados por este período da vida são extremamente significativos para a vida adulta.

Tomando como referência a interdisciplinaridade, traduzida na cultura e no brincar na educação infantil, destacarei alguns dos momentos considerados relevantes no decorrer do desenvolvimento das atividades de estágio.

Inicialmente tecerei alguns dados sobre a caracterização da instituição.

O estágio supervisionado na educação infantil foi realizado na Creche Criança Feliz, recebendo este nome por uma ex-vereadora do município de Aquiraz.

Esta instituição atende cerca de 250 alunos da educação infantil, com faixa etária compreendida entre três e cinco anos de idade nos turnos manhã e tarde. No turno observado, as crianças entram às 7h e saem às 11h. As salas de aulas são compostas de 20 crianças, por uma professora com licenciatura plena em pedagogia, sem o apoio de auxiliares de sala.

A Gestão é composta por uma diretora e uma coordenação pedagógica que compartilham as responsabilidades pelos aspectos pedagógico, administrativo e financeiro da instituição.

A estrutura externa da creche possui um corredor que consideram como pátio da escola. Este fica localizado entre as salas de aulas, sendo estreito, algumas crianças fazem a refeição e até brincam neste espaço. No entanto, ele não é apropriado para brincar.

Na hora do recreio percebi que o parquinho fica exposto ao sol, algumas até brincam outras ficam em sala brincando.

As salas cinco salas de aulas existentes são amplas, mas com péssima iluminação, umas algumas delas são quentes. Vale salientar que a creche não dispõe de espaços como sala de professores, sala de leitura, refeitório e a direção.

Para apoiar o trabalho docente, a creche dispõe de materiais didáticos pedagógicos, porém parte dos recursos de mídia como televisores e projetor de imagem estão em desuso por apresentar defeito, assim como jogos pedagógicos incompletos.

De acordo com o projeto político pedagógico, os conteúdos previstos são definidos a partir da Proposta Pedagógica da Educação Infantil elaborada pelo município em 2010 tendo como norte os Referenciais Curriculares Nacionais (1998). O planejamento acontece em dois momentos, um semanal realizado por cada professor na própria escola e um mensal realizado coletivamente, quando são debatidos os conteúdos, descritores e ações didáticas a serem desenvolvidos no período. Há instrumento próprio de acompanhamento de leitura e escrita, livros didáticos, além de outros recursos pedagógicos retirados da Internet. Esta etapa é conduzida por técnicos da SMED.

A escola tem a função pedagógica de construir junto com a comunidade, uma realidade favorável para dignificar a vida dos discentes, desenvolvendo diversas atividades como: aula de campo, apresentações artísticas e culturais,

desenvolvendo assim a criatividades e os valores éticos morais e cristãos nos envolvidos, com o objetivo de construir uma sociedade igualitária.

A escola recebe recursos do PDDE, destinado para compra de material didático e pedagógico; e do PMDDE, destinado para pequenos reparos na escola. Tudo que é comprado ou reparado na escola, passa pela unidade executora formada por um presidente, um secretário, tesoureiro, um conselho fiscal, e um conselho deliberado através de reuniões do núcleo gestor e professores.

No período de observação, nos inserimos no contexto da sala de aula. Lembro que ao entrar em sala, todas as crianças olharam para mim. Cumprimentei-as com um bom dia e todas responderam, a professora deu o seu bom dia e fez as apresentações para as crianças. Para visualizarmos dinâmica da sala de aula, consideramos desde a organização da sala, os materiais existentes, até as práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora.

Para Horn (2004, p. 15):

> O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica.

A forma como a sala estava organizada e as ações desenvolvidas pela professora mostravam seu compromisso com a valorização de cada criança, traduzidos na possibilidade de utilização dos recursos disponíveis e na participação ativa de todos.

Os planos de aula eram feitos com cada detalhe, cada atividade, brincadeiras e o conteúdo apresentado do dia, o que demonstra o cuidado e a organização da professora em relação ao seu trabalho. Como as crianças são bastante agitadas e gostam de conversar, a professora precisa pensar em atividades variadas que aproveitem de forma positiva toda essa energia.

Na rotina de sala de aula, a professora iniciava cantando uma música, com gestos agradáveis convidando a turma a movimentar-se. Em seguida contava histórias intencionalmente selecionadas para as crianças, pois as mesmas deveriam guardar relação com o conteúdo do dia. Encerrado este momento, a organizou uma

rodinha para que cada criança pudesse se expressar. A professora deu toda atenção às crianças, valorizando suas falas.

Para Hashimoto (2016, p. 1): “A hora da roda oportuniza, sobretudo, a construção de conhecimentos e a multiplicidade de respostas e variáveis, se aproveitarmos as contribuições advindas das crianças, e mediante estas, lançarmos desafios e questionamentos”.

O momento da roda de conversa foi extremamente rico e surpreendente, pela participação das crianças e pelos pensamentos e vivências expressos por cada um deles. Em suas falas eles revelam o que sabem, o que sentem, o que pensam e o que vivem. Essas informações são extremamente importantes para as professoras conhecerem mais a bagagem trazida pelas crianças de sua vida cotidiana e utilizá-las como pontos de partida para a organização do processo ensino-aprendizagem.

Ao iniciar a fase da participação, houve um fácil engajamento, visto que já lecionei nessa escola e também fui professora da Educação Infantil. Embora minha atuação já tenha ocorrido há algum tempo, posso dizer que sou familiarizada com o material, a rotina e as metodologias. Não posso perder de vista, no entanto, que a sala de aula da Educação Infantil pode ser imprevisível e por isso difícil de ser reproduzida, o ambiente é sempre dinâmico, quase impossível de ser contado em livros ou em relatos de situações vividas. Assim, mesmo já acumulando certa experiência, aquela vivência foi inédita.

Na integração com a sala, onde participei no acompanhamento de participação das atividades, observei que os alunos não acompanham as aulas por igual, que cada um tem o seu momento, cada um tem sua dificuldade, uns acompanham mais rápido, outros tem mais dificuldade.

O Projeto que nos propusemos a realizar se chamou Brinquedos e Brincadeiras e decisão de trabalhar esta temática se deu a partir da necessidade de envolver as crianças no processo de aprendizagem brincando, sabendo que é importante o desenvolvimento das brincadeiras para que haja uma reflexão consciente da mediação dos conteúdos, através do brincar.

Analisando os resultados desse trabalho, posso dizer que foi um momento especial de engajamento entre as estagiárias e alunos. Explorei junto às crianças diversos tipos de atividades através das brincadeiras e percebi que as mesmas gostaram e essa experiência foi prazerosa.

Barbosa e Horn (2008, p. 87), apontam que “A pedagogia de projetos vê a criança como um ser capaz, competente, com um imenso potencial e desejo de crescer”.

Para que o projeto pudesse ter sucesso, precisamos pensá-lo considerando as características das crianças e o processo pedagógico vivido por elas nas atividades cotidianas da escola. O projeto não poderia ser elaborado em desacordo com a realidade da escola.

Nesse sentido, acompanhei, no decorrer do estágio, todas as atividades desenvolvidas pelas crianças, no intuito compreender o processo de construção de conhecimento e aprendizagem das crianças.

Depois de nos familiarizarmos com o ambiente, demos sequência às atividades, apresentando vários brinquedos às crianças, cada um utilizado de forma diferentes. Poucos eram os brinquedos desconhecidos. Convidamos, então, as crianças para construírem brinquedos junto conosco.

Quando decidiram as crianças decidiram quais os brinquedos confeccionar, planejamos o que fazer e por que fazer e fizemos a lista e prontas para as atividades. Solicitamos, ainda, que todos levassem materiais diversos, que comumente chamamos sucata, para a sala de aula, pois esses materiais serviriam para a construção de brinquedos.

No dia da construção dos brinquedos, dividimos o trabalho de modo que todos se sentissem parte do processo. A felicidade das crianças era evidente e a nossa como estagiárias também. Construímos vários brinquedos populares com materiais recicláveis e os deixamos na creche para que pudessem ser utilizados pelas crianças.

Foi uma experiência muito gratificante, a partir da qual consegui compreender de maneira mais clara o que está disposto nos RCNEIs (BRASIL, 1998, v.1, p. 28):

> O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experiências que são diferenciadas pelo o uso do material ou dos recursos predominantemente implicados. Essas categorias incluem: movimento e as mudanças da percepção resultantes essencialmente da mobilidade física das crianças; a relação com os objetos e suas propriedades físicas assim como a combinação e associação entre eles; a linguagem oral e gestual que oferecem vários níveis de

> organização a serem utilizados para brincar; os conteúdos sociais, como papéis, situações valores e atitudes que se referem à forma como universo social se constrói; e, finalmente, os limites definidos pelas regras, constituindo-se em um recurso fundamental para brincar. Estas categorias de experiências podem ser agrupadas em três modalidades básicas, quais sejam, brincar de faz-de-conta ou com papéis, considerada como atividade fundamental da qual se originam todas as outras, brincar com materiais de construções e brincar com regras.

As novas aprendizagens acontecem no brincar, na construção do faz-de-conta, as músicas a utilização dos brinquedos, além de fazer revivê-las momentos já vividos, imitar adultos, criar histórias, possibilita o desenvolvimento da autonomia e a construção da personalidade.

Entendemos que brincadeira e criança são duas palavras que se completam. É quase regra que as crianças gostam de brincar e que a brincadeira existe pela e para a criança. São muitas as maneiras de brincar: correr, pular, recortar, colar, pintar, rabiscar, dançar, cantar, rodopiar, entre tantas outras.

Na construção de brinquedos as crianças se sentiram tão importantes que abraçavam a estagiárias riam, perguntavam, demonstrava carinhos enormes, sem esquecer que durante todo o estágio a afetividade foi trabalhada, outro instrumento no incentivo para a aprendizagem.

As brincadeiras foram feitas no corredor e outras na sala de aulas. Elas brincavam livremente, mas as estagiárias mesclavam a mediação da aprendizagem de forma que não tirasse a liberdade delas de manusear os brinquedos.

Diante desse estágio, minha principal aprendizagem foi entender que a afetividade e as brincadeiras influenciam a aprendizagem das crianças. Isso demonstra a necessidade de como educadora, ter os cuidados necessários ao mediar a construção dos conhecimentos de forma que possibilite à criança um bom desempenho na vida escolar e pessoal. Passei a valorizar mais a educação e compreender que meu papel reflete na vida dessa criança, sendo fundamental entender que as crianças são seres com potencial de construir, de amar, de fazer, de criar, dotadas de conhecimentos prévios e experiências trazidas de suas vivencias familiares e que, assumindo o verdadeiro papel de educadora, garantirei uma educação de qualidade.

Ressalto, também, que a importância do apoio e colaboração da Professora Regente de Sala e Orientadora do Estágio Supervisionado. Fazer o estágio na Educação Infantil foi muito gratificante, foi uma experiência inesquecível.

## 4.2 A LEITURA DO MUNDO E DA PALAVRA DO ENSINO FUNDAMENTAL

O Estágio no Ensino Fundamental, foi realizado na EMEF Laís Sidrim Targino. Inicialmente, situaremos a instituição no que diz respeito à sua estrutura e funcionamento.

EMEF Laís Sidrim Targino está situada a Praça Padre Matias, 55 - no Centro Histórico do Município de Aquiraz e atende à comunidade da Sede e circunvizinhança, oferecendo o Ensino Fundamental I, nos turnos da manhã e da tarde.

A escola possui um núcleo gestor, constituído pela diretora Kátia Liana Braga Lima Nogueira e Maria Luiza Monteiro da Silva, supervisora que assume também o papel de coordenadora pedagógica. Ambas são servidoras efetivas da Prefeitura Municipal de Aquiraz, com formação em Pedagogia e Especialização em Gestão Escolar. Há ainda no núcleo gestor, um secretário escolar, Armando Guimarães Junior.

A EMEF Laís Sidrim Targino funciona em prédio próprio, confortável e adequado aos padrões exigidos pelo MEC. Entretanto, possui duas salas de aula no andar superior com problemas de circulação de ar e as salas de leitura, secretaria, sala de professores e almoxarifado necessitam de forro de PVC, por conta da grande quantidade de material orgânico advindo das plantas ao redor. O acesso para o andar de cima se dá por escada, não há rampas para pessoas com deficiência.

As práticas educativas são pensadas, tendo como referência as teorias que fundamentam o currículo. No caso de Aquiraz, o construtivismo e o interacionismo. Consideram, ainda, a Proposta Pedagógica do município e do PNAIC/PAIC, fazendo do aluno um sujeito construtor de suas aprendizagens.

As atividades são desenvolvidas com o objetivo de promover a reflexão e o pensamento crítico com debate em sala de aula, atividades em grupo, leitura compartilhada, escrita e reescrita de textos, uso de recursos tecnológicos e jogos pedagógicos.

A avaliação de aprendizagem é contínua. Inicia-se com um diagnóstico que tem sido o grande aliado, pois identifica o nível em que o educando se encontra, ressaltando o que precisa ser reforçado e revisado e segue continuamente acompanhando os avanços e dificuldades presentes na trajetória dos estudantes (LUCKESI, 2005). O processo de avaliação nesta Unidade Escolar vai além da revisão de conteúdos, está vinculado aos objetivos que foram definidos e às competências a serem adquiridas no decorrer processo de ensino aprendizagem.

São apontados como projetos especiais da escola, que contribuem para o sucesso da aprendizagem.

Quadro 1 – Projetos Especiais da Escola Lais Sidrim

| Projeto | Objetivos / Detalhamento |
|---|---|
| Projeto Reforço Escolar Leitura e Escrita | Tem como objetivos gerais - Alfabetizar os alunos que se encontram em nível psicogenético pré-silábico e silábico; incentivar a leitura e escrita através de premiação para os alunos que lerem o maior número de títulos e que apresentarem avanços significativos. |
| Projeto Reforço Escolar Matemática para todos | Objetivo geral elevar os níveis de conhecimento matemático dos alunos do 3º ano que se encontram com distorção. |
| Melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem | Tem como pontos de partida as seguintes constatações:<br>1 – A aprendizagem se dá em cada pessoa, sendo estimulada e desafiada pelas experiências vivenciadas e pelo contexto social.<br>2 - É preciso querer aprender para aprender; é preciso que cada um reconheça o valor que a educação tem na sua vida; é preciso esforço e disciplina para aprender.<br>3 - A escola precisa mobilizar as pessoas para a aprendizagem, entendendo esta como tarefa de todos.<br>4 – O movimento de aprender não se dá separado do de ensinar. Assim, o processo de ensino e aprendizagem envolve dois sujeitos igualmente fundamentais: o professor e o aluno.<br>5 – Cada pessoa tem seu ritmo de aprendizagem. |

| | |
|---|---|
| | 6 – O ensino e a aprendizagem se referenciam em teorias e se realizam nas práticas pedagógicas por elas fundamentadas.<br>7 – O currículo é flexível e se reformula na medida da necessidade expressada nos processos avaliativos. |

Fonte: Elaborado pela autora a partir de levantamento diagnóstico.

Na elaboração do seu Projeto Político Pedagógico, a escola teve como um dos objetivos, organizar uma escola que busque cotidianamente a construção do conhecimento, baseado na integração e reflexão de educadores que compreendem o ensino e a aprendizagem como caminho que se percorre junto – alunos e professores.

A elaboração do PPP foi considerada pelo coletivo institucional como ponto de partida para que aconteçam novas reflexões e tomadas de consciência dos principais problemas da escola. O engajamento da comunidade escolar é imprescindível para que os objetivos propostos sejam atingidos, pois se faz necessário a participação de todos os responsáveis – diretos e indiretos -para que se chegue a uma educação de qualidade.

EMEF Laís SidrimTargino tem como objetivo fazer com que os educandos permaneçam na escola, obtendo sucesso em seu processo de aprendizagem, dentro deste contexto, a leitura assume papel fundamental.

A leitura não está somente ler as palavras e sim compreender o dito, conhecer o mundo, também ensinar a ler o mundo. É entender que na aprendizagem da leitura, o conhecimento prévio da realidade do aluno facilita sua aprendizagem, na medida em que este aprende a ler o seu mundo, o sentido da leitura fluirá em seu intelecto.

É interessante levar em consideração a leitura que este tem de seu mundo, com estes princípios os demais conhecimentos de leituras formarão outros saberes. No processo de leitura e releitura do mundo e na leitura e releitura das palavras, o aluno forma sua visão de mundo, na construção dessa visão, o entendimento fará compreender como ele pode transformar suas ações.

É por essa razão que os educadores, ao ensinarem a leitura para seus alunos, necessitam conhecer a realidade do aluno, para desafiá-los em questões que os levem a perceber a necessidade de ampliarem seus conhecimentos. Para

tanto, é necessário dar-lhes condições de familiarização com a leitura, aprimorando a fala e a escrita.

Para Freire (1989, p. 24):

> A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). [...] Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

É necessário ao professor, também, compreender como o estudante se sente em relação à sua realidade, ajudando-o a definir seu ponto de partida para a aprendizagem da leitura. Assim, é preciso compreender que a criança quando chega à escola, já traz conhecimentos e experiências prévios de seu ambiente, a atuação do educador é de promover no educando o envolvido no processo da leitura, uma boa preparação, tanto na teoria, com nos métodos pedagógicos, fazendo o aluno entender quanto é necessário da leitura em sua vida.

Além da atividade de diagnóstico institucional, o estágio supervisionado na Educação Fundamental teve dois momentos muito importantes: na disciplina de língua portuguesa, com a elaboração de um projeto chamado “sarau literário”; e na disciplina de matemática, com a realização de um trabalho articulando a ludicidade aos conteúdos grandezas e as quatro operações.

Para a realização destas atividades tomamos como ponto de partida a compreensão de que o aluno é incentivado a construir seus conhecimentos, por meio daquilo que já conhece e das experiências adquiridas em seu contexto de vivência. Além dessas questões, reconhecemos a importância do lúdico na vida e na formação dos estudantes. A junção destes referenciais iluminou a elaboração dos projetos.

No sarau literário, foram fortalecidas as ações de leitura, já valorizadas pela escola. Houve contação de histórias sobre a cultura do Nordeste, exploração da melodia e leitura de letras de música de compositores nordestinos, além de

atividades livres em forma de desenhos, como sanfona, chapéu e outros materiais que representasse o Nordeste.

Além de exercitarem a leitura, os estudantes também exercitaram sua condição de produtores de textos. Foram estimulados a produzir poesias, prosas, contos e histórias.

Todas as atividades construídas em sala de aula, foram apresentadas à escola, em um momento rico de culminância do projeto. Este momento foi muito importante, pois ao mesmo tempo que fortaleceu o processo de formação de leitores, trouxe a cultura e a arte como eixos que permitiram a valorização da identidade dos estudantes e de suas tradições.

A segunda parte foi na área de matemática, onde foram explorados conteúdos através de jogos matemáticos que facilitaram muito o desenvolvimento e o envolvimento dos alunos. A cada dia crescia a expectativa dos mesmos para saber o que ia acontecer na próxima aula, isso nos deixava cada vez mais confiantes, entusiasmadas e encorajadas a seguir em frente. Não medíamos esforços para deixá-los felizes e termos a certeza de que houve aprendizado.

Provocamos nesses alunos, expectativas, desejo de participar, prazer em competir, ânimo, socialização, confiança e interesse, que são atitudes favoráveis para a aprendizagem de matemática.

Na culminância do Projeto foi realizada a Feirinha, uma brincadeira muito comum, mas uma atividade valiosíssima, que serve para desenvolver os conceitos estudados: compra, venda, troco, dinheiro, dúzia. Sem contar com as operações e situações-problema envolvidas implicitamente.

Números e operações serão possíveis utilizar atividades que auxiliem o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e dos métodos para efetuar as operações fundamentais. Realizando atividade, através da construção do metro e do metro quadrado com jornais ficou bem mais fácil a compreensão e fazendo medições de comprimento, área, volume e capacidade (Tratamento de informação). Para se desenvolver esse conteúdo na sala de aula, o meio mais interessante foi utilizar situações e informações envolvendo as cotidianas crianças.

A matemática foi feita pesquisas de preços dos produtos de livre escolha, e confeccionaram a tarjetas com os preços, na feira. Essa etapa foi concluída no

pátio da escola com apresentações dos próprios alunos e auxiliada pelas estagiárias com a participação, sob o olhar da supervisora Andalacy Silva.

Os projetos desenvolvidos em sala de aula, através de brincadeiras e jogos, ressaltam os aspectos culturais e a tradições que permeia as brincadeiras, tanto quanto as músicas, em relação a nordeste e de convivência do aluno, possibilitando e ensino aprendizagem do aluno.

Destaco todas as ações realizadas, como as brincadeiras, os jogos como um todo estavam atrelados os aspectos nordestinos, por meio das atividades, que perpassam pela cultura na construção do conhecimento do aluno, é possível entender a interação do aluno como um ser cultural.

Libâneo (2008, p. 32), diz que:

> Tem sido cada vez mais importante compreender a escola como lugar de construção e reconstrução da cultura, não apenas a cultura científica, mas a cultura social, a cultura das mídias, a cultura dos alunos, a cultura da escola [...]. A cultura da escola refere-se àqueles significados, modos de pensar e agir, valores, comportamentos, modos de funcionamento que, de certa forma, mostram a identidade, os traços característicos, da escola e das pessoas que nela trabalham.

Tem sido cada vez mais importante compreender a escola como lugar de construção e reconstrução da cultura, não apenas a cultura científica, mas a cultura social, a cultura das mídias, a cultura dos alunos, a cultura da escola. “[...] A cultura da escola refere-se àqueles significados, modos de pensar e agir, valores, comportamentos, modos de funcionamento que, de certa forma, mostram a identidade, os traços característicos, da escola e das pessoas que nela trabalham (LIBÂNEO, 2008, p.32).

Acreditamos que os alunos construíram seus conhecimentos de forma dinamizada, não só pela mediação, como também pela motivação das estagiárias para facilitar esse aprendizado.

Foi gratificante não só o meu conhecimento, como também para os alunos que se sentiram importantes, orgulhosos e valorizados, pois foi tudo acompanhado pela professora de Estágio, Tânia Serra Azul, e pela secretária do curso, Beth Alves, avaliando o nosso trabalho.

## 4.3 O PENSAR E O SENTIR NO DIÁLOGO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE

A sociedade cada dia vem se transformando aceleradamente. Desse modo, as instituições de ensino não podem se distanciar do meio social, precisando engajar-se nesse processo de transformação. O êxito da educação se dá através da aproximação com a comunidade, para que juntos possam alcançar os objetivos considerados necessários à inclusão socioeducacional dos estudantes.

A escola não pode caminhar sozinha no que diz respeito à tarefa de educar, pois é necessária a presença constante dos pais e da comunidade, para garantir a efetividade desse processo. Isso só pode ocorrer quando escola e comunidade caminham na mesma direção.

Ferreira (2012, p. 17) afirma que:

> A família, que é uma construção social e sofre influência dos valores e padrões de sua época, atualmente passa também por grandes transformações, que vão desde os novos arranjos familiares, delineando famílias monoparentais, homoafetivas, reconstituídas por novas uniões e coabitações dos filhos, frutos das diversas uniões, até mudanças nos papeis familiares. Essas mudanças são formas contemporâneas de exercício da maternidade e da paternidade, cujos papeis já não são rigidamente preestabelecidos como cuidadores e provedores, respectivamente. Ambos, pai e mãe, podem ocupar funções diversas.

É preciso que a gestão conheça a realidade da família, de modo que possa trabalhar a relação e promover a qualidade de educação a aluno. Infelizmente ainda se mantém as velhas tradições, de uma gestão tradicional, centralizada na figura do diretor.

Para que a escola possa ter êxito é precisa que haja uma gestão democrática, conforme orientam os princípios constitucionais brasileiros (BRASIL, 1988) onde a participação de todos prevaleça, materializando a atuação conjunta da comunidade e da escola voltadas à efetivação dos processos educativos que colaborem de forma positiva na formação dos educandos. Nesse movimento, há a possibilidade de assegurar uma educação um processo de construção de cidadania.

A partir do movimento investigativo realizado no início do Estágio de Gestão, foi possível identificar que, no caso da EMEF Laís Sidrim, a comunidade escolar é constituída de famílias onde a maioria dos pais são funcionários públicos, de uma classe média regular, possuem algum tipo de transporte e cerca de 75% são proprietários de suas casas.

Em entrevista realizada junto a gestora escolar, a mesma informou que alguns pais participam arduamente da rotina da escola, vindo frequentemente a escola, se relacionando com todo o colegiado, principalmente com a professora de seu filho com a qual estão sempre dialogando a respeito do desempenho. Acrescentou ainda que estes pais estão presentes em todas as reuniões e eventos que a escola promove, cooperando com alguns reparos que a escola venha a precisar e ajudando no desenvolvimento da escola.

A gestora, em sua fala, apontou que os pais geralmente vêm a escola quando tem reuniões e quando a escola solicita, quando vêm perguntar como está seu filho e quando tem eventos. Aqueles que não participam alegam que estão trabalhando, mas que estão sempre cobrando de seus filhos a atividade a serem feitas da escola. Estes tipos de pais têm filhos com bons comportamentos e que conseguem aprender.

Outros tipos de pais, só vêm a escola, quando são solicitados pela escola e às vezes sequer aprece, alegando não ter tempo de estar na escola. Quase não assistem a uma reunião, raramente vêm à escola, quando esta promove eventos atrativos, tipo dia das mães, com sorteio, dias do pais e outros eventos dessa natureza.

Os problemas abordados com os pais, geralmente são a indisciplina e confusões entre alunos. Nestes casos, a escola procura resolver através do diálogo. Outro problema recorrente é o desempenho do aluno. Quando isto ocorre, a escola chama os pais e pede que os mesmos tragam no contra turno, para que possa fazer reforço, explicando sua importância e pedindo que em casa esteja sempre conservando com os filhos orientando-os a ter horário para estudar.

A escola procura sempre envolver os pais nas atividades e eventos da escola, quando se promove atividades festivas. Quanto a comunidade a escola está sempre a ajudando de forma prazerosa, as atividades constantes nas festividades geralmente são realizadas na escola, comemoração de aniversário de alguns membros da comunidade, reuniões pedagógicas que envolvem todos que fazem a

educação do município, festas religiosas, academias, reuniões de pequenos grupos da comunidade, e outros momentos que assim venha a precisar. Todas essas atividades são fora do horário de aula, geralmente são realizadas nos finais de semanas e a noites ou feriados.

Além das atividades de investigação sobre o cotidiano da gestão da escola, o estágio de Gestão Escolar, propôs a elaboração de um projeto de intervenção cujo tema escolhido foi, “Conversando a gente se entende”. Este projeto teve como objetivo despertar nos pais a compreensão da importância de sua participação no processo de ensino aprendizagem de seus filhos, conscientizando-os que sem sua contribuição, podem ocorrer diversos problemas no desenvolvimento do aluno.

O projeto de intervenção foi realizado em um dia de sexta-feira à tarde, mais especificamente no dia 03 de junho de 2016, tendo se desenvolvido da seguinte forma: abertura, acolhida, palestra, trabalhos em grupo e avaliação do encontro.

Dando abertura ao projeto a diretora da escola Kátia Liana Lima Nogueira agradeceu a presença dos pais, parabenizando as estagiárias pela a iniciativa do projeto, se retirando em seguida. Na sequência da acolhida, fizemos uma dinâmica envolvendo a afetividade de todos, onde as pessoas sentiram a importância de que só se constrói o mundo com a ajuda da coletividade.

As estagiárias cada uma com sua fala, falaram da necessidade dos pais estarem sempre presente na escola, no intuito de ajudar o ensino aprendizagem dos filhos. Destacaram ainda que a escola sempre procura trazer os pais para participar para participar da vida escolar de seus filhos, de modo que os mesmos percebessem que sua presença é indispensável para o desenvolvimento dos alunos. Assim, a colocou-se aberta para recebê-los e tirar suas dúvidas, criando um ciclo de amizade que favoreça o bom andamento dos alunos. Se por um lado a escola responde pela formação acadêmica do aluno, por outro os pais são responsáveis pela motivação dos mesmos neste processo.

A próxima atividade previa, a exposição das produções escritas dos alunos sobre a participação de seus pais na vida escolar. Cada responsável tentaria identificar a atividade que diz respeito a seu filho, seguido de possíveis comentários. Uns disseram que sempre elogiam as atividades dos filhos, embora precisem melhorar um pouco; outros disseram que apenas parabenizam e outros comentam

que não falam nada. Depois todas as estagiárias falaram da importância da participação dos pais na educação de seus filhos, destacando a compreensão de que cabe aos pais propiciar momentos com seus filhos. Indagar sobre como eles estão na escola, quais as atividades realizadas em sala de aula, o que têm aprendido é uma forma de auxiliar e estimular a aprender e também sentir o afeto e os cuidados que seus pais tem para com eles (CURY, 2003). Os pais precisam se conscientizar que seus filhos são de sua inteira responsabilidade e que apesar de a escola poder contribuir, é deles que os filhos precisam sentir o carinho.

Este estágio me mostrou um novo horizonte em relação ao papel da gestão escolar. O gestor não pode somente reclamar sobre a ausência dos pais na escola, ele precisa identificar os fatores que interferem nesse processo e intervir, inclusive no processo educativo dos próprios pais de modo que eles compreendam seu papel na educação dos filhos.

## 5 CONSIDERAÇÔES FINAIS

A construção de um trabalho de conclusão de curso pautado nas experiências pessoais de quem escreve possibilita um movimento de reapropriação das trajetórias da própria história. Ao rever todos os momentos vividos com o novo olhar proporcionado pelas experiências de vida e formação pude perceber a importância de cada momento, cada fase de vida e cada grupo pela qual passamos.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi discutir os elementos afetivos, sociais, culturais e econômicos que interferem na construção da identidade pessoal e profissional do docente. Para alcançar este objetivo, organizei minhas experiências em torno de minhas origens, e minhas experiências de escolarização; minhas vivências no PARFOR e nos estágios.

Ao rever minha história, família e escola me senti privilegiada em compreender que foram os ensinamentos vividos nestes diferentes espaços e o convívio com as diferentes pessoas que contribuíram para o meu crescimento intelectual, emocional e social.

Ao refletir sobre o PARFOR, posso afirmar que ao longo deste curso de formação superior, me deparei com novos saberes desenvolvidos num contexto de práticas reflexivas que provocaram mudanças reais no meu modo de compreender e viver a profissão docente. Fui, aos poucos, me transformado, de maneira tal que passei a superar desafios presentes no ato educativo e colaborando de forma mais efetiva com uma educação de qualidade.

Ao registrar as reflexões relativas aos estágios realizados, percebi o quanto esta experiência melhorou a minha estima como profissional, ampliando minhas experiências e conhecimentos para melhorar cada vez mais minha prática pedagógica e a constante aprendizagem da profissão, simbolizando crescimento para a minha cidadania e a cidadania de meus alunos.

Ao construir este memorial, confesso que obtive outras aprendizagens, outras experiências, um leque de novas ideias significativas acerca do papel do educador. Diante das mudanças na sociedade e dos novos conceitos e atividades que emergem do contexto educativo que dialogam com o que se compreende como um ensino de qualidade, tenho consciência de não poder parar por aqui. A minha busca por novos conhecimentos deve ser constante, aproveitando cada oportunidade que a vida me oferecer, em se tratando de formação. Por fim, me vejo

como mais uma mediadora e multiplicadora de novos conhecimentos para poder contribuir com uma sociedade mais justa.

## REFERÊNCIAS


ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 6.755**. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. Brasília, 2009.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília: CNE, 2006.

BRASIL. **Lei nº 9394**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Casa Civil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. v.2.

CENCI, Adriane; COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. Pensamento e linguagem: cultura e aprendizagem. In: **REP - Revista Espaço Pedagógico**. Passo Fundo, v. 16, n. 2, p. 34-47, jul. /dez. 2009.

COSTA, Elisangela André da Silva. **Práticas de Leitura na formação de professores**. (Dissertação de mestrado). Fortaleza: UECE, 2010.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERREIRA, Edla Maria Batista. Novos tempos e aprendizagens. **Jornal Mundo Jovem**. Porto Alegre, v. 14, p. 17, 2012.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia***:* saberes necessários à prática educativa / São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. **Educação & Sociedade.** v.23, n.80, p.136-167, 2002.

HASHIMOTO, Cecília Iacoponi. A hora da roda e sua contribuição para o desenvolvimento infantil. In: **Psicopedagogia e educação**. Disponível em < http://www.ceciliaiacoponi.com/ahoradaroda.htm>. Acesso em: 01 jul. 2016.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização

Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5.ed. Goiânia: MF Livros, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. CIPPUS - **Revista de Iniciação Científica do Unilasalle.** v. 1, n. 1, May 2012.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Transformação. In: NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto, 1992.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NÓVOA, Antônio. O passado e o presente dos professores In: NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. v. 2, p. 13-62, 1994.

QUEIROZ Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. In: **Paidéia**. v.16, n.34, p. 169-179, 2006.

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. **Processos Participativos na Construção do Conhecimento em Sala de Aula**. Cáceres, MT: UNEMAT, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização – do Pensamento Único à Consciência Universal.** São Paulo: Record, 2006.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.